

## Centro Inhotim de Memória e Patrimônio – CIMP

Rosalba Lopes<sup>\*</sup>  
Rita de Cássia Marques<sup>\*\*</sup>

### Resumo

A presente reflexão visa apresentar e discutir as especificidades do Centro Inhotim de Memória e Patrimônio – CIMP, em processo de implantação no Instituto Inhotim. O primeiro aspecto a ser destacado vincula-se à compreensão da memória e do patrimônio histórico cultural de uma comunidade enquanto elementos centrais de sua identidade. Assim, sua recuperação e sua preservação serão entendidas como importantes instrumentos para a constituição de sujeitos coletivos autônomos e atuantes. No bojo das ações desenvolvidas pela diretoria de Inclusão e Cidadania, encontra-se o desenvolvimento de projetos que visam à captação, preservação, valorização e disponibilização de acervo que recupere a história socioambiental e o patrimônio cultural herdado pelas comunidades de Brumadinho e, em objetivo mais amplo, da região do Médio Vale do Paraopeba. Tais ações estão relacionadas, ainda, ao objetivo de consolidar o Instituto Inhotim como local de produção de conhecimento, visando atender aos interesses do público visitante, da população da região e da comunidade acadêmica.

**Palavras-chave:** Memória; Identidade; Brumadinho; Inhotim.

Um dos mais cruéis exercícios da opressão econômica sobre o sujeito é a espoliação das lembranças. (BOSI, 1994, p. 436).

O Instituto Inhotim, conhecido por ser um museu a céu aberto, ao mesmo tempo abrigando obras de arte contemporânea e um jardim botânico, também desenvolve uma proposta de centro de memória. Resistente às tentativas de definição, Inhotim pode ser pensado como um complexo museológico original constituído por uma sequência não linear de pavilhões de arte contemporânea e um jardim botânico em área de 100 ha. Na expressão de seu idealizador, o empresário Bernardo Paz, trata-se de

---

\* Doutora em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Pesquisadora vinculada ao Núcleo de Estudos Contemporâneos da UFF. Diretoria de Inclusão e Cidadania do Instituto Inhotim.

\*\* Doutora em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Professora da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Vice-Presidente da Sociedade Brasileira de História da Ciência.

um “lugar” que abriga acervo cultural e botânico de rara beleza. Ao mesmo tempo é também âncora para o desenvolvimento de ações científicas, educacionais e conservacionistas, tendo a arte e a biodiversidade vegetal como elementos centrais. Enfim, é terreno fértil para uma gama de atividades que extrapolam a mera apreciação de seus acervos e envolvem, ao lado da fruição, pesquisa e reflexão sobre variados temas, incluindo-se a paisagem urbana e os problemas que a afetam.

Os marcos iniciais da história de Inhotim como instituição podem ser situados em 2005, quando surge como Centro de Arte Contemporânea Inhotim (CACI). Naquele ano, o extenso acervo cultural e ambiental abria suas portas timidamente, com pré-agendamento de visitas somente de alunos da rede escolar da região de Brumadinho e de grupos específicos. Em 2006, com estrutura completa, a instituição privada abriu suas portas ao grande público, passando a receber visitas em dias regulares, sem a necessidade de agendamento prévio. Em 2007, o compromisso com o desenvolvimento social da população de Brumadinho e seu entorno motivou a criação da Diretoria de Inclusão e Cidadania. No ano seguinte, o número de visitantes mostrou-se crescente atingindo a expressiva marca de 110 mil pessoas de diversas partes do país e do mundo. Em abril daquele ano, o Instituto foi reconhecido como Organização da Sociedade Civil de Interesse Público – OSCIP, pelo Governo de Minas Gerais. Em 2009, no mês de junho, o governo federal também reconheceu Inhotim como uma OSCIP. Naquele ano, mais de 160 mil pessoas visitaram-no. Atualmente, o Instituto reúne obras de arte contemporânea, expostas a céu aberto ou em galerias temporárias e permanentes, contando com aproximadamente 500 obras de artistas de mais de 30 países. Esse acervo está disposto em jardins reconhecidos como Jardim Botânico pela Comissão Nacional de Jardins Botânicos (CNJB).<sup>1</sup> O jardim botânico reúne coleção de mais de 4.200 espécies e grande parte delas está disposta no parque com tratamento paisagístico singular.

Inhotim é também uma instituição comprometida com o desenvolvimento social, cultural e ambiental da comunidade onde está inserido. Por isso, busca desenvolver ações em prol da conservação, educação e inclusão social que provoquem mudanças na qualidade de vida daquela população. Para atuar de maneira afirmativa nas

---

<sup>1</sup> O registro foi aprovado após a 4ª Reunião da Comissão, ocorrida no Instituto de Pesquisas Jardim Botânico do Rio de Janeiro, entre os dias 24 e 26 de março.

condições de vida da população local, o Instituto criou a Diretoria de Inclusão e Cidadania que desenvolve o projeto Centro de Memória.

Para se entender como propostas tão diferentes podem coexistir, é importante que se compreenda o museu de arte na cidade de Brumadinho (MG), com todas as contradições dessa condição. Brumadinho só se tornou cidade em 1938; mas a região onde se encontra vem sendo povoada e atravessada por vários exploradores em busca de riquezas minerais e de prosperidade, desde o século XVII. Por todo esse tempo, Brumadinho desenvolveu um rico patrimônio cultural que sobrevive nas diversas comunidades que integram o município, independente da modernidade trazida por um museu de arte contemporânea.

Assim, o primeiro aspecto a ser destacado, neste artigo, vincula-se à compreensão de memória e patrimônio histórico cultural de uma comunidade como elementos centrais de sua identidade, sendo sua recuperação e preservação entendidas como importantes instrumentos para a constituição de sujeitos coletivos autônomos e atuantes. Lucia Oliveira, introduz:

*Quem diz patrimônio diz herança!* Esta frase permite encaminhar perguntas dela derivadas: o que do passado recebemos como herança? O que do passado achamos importante preservar? Assim, ao falarmos de patrimônio, estamos lidando com história, memória e identidade, conceitos inter-relacionados cujos conteúdos são definidos e modificados ao longo do tempo. (OLIVEIRA, 2009, p. 114).

É preciso esclarecer essas indagações, pois compartilhamos uma concepção de museu que leva em conta conhecer o passado que queremos e devemos preservar na região do Médio Paraopeba, em Minas Gerais, mais especificamente em Brumadinho, com sua bem sucedida proposta de museu de arte e jardim botânico.

A concepção de museu na qual nos amparamos para essa reflexão é a que considera o museu como um espaço privilegiado, onde é possível concretizar propostas de intercâmbio com áreas diversas e, ao mesmo tempo, produzir conhecimento potencializado pela pesquisa, preservação e comunicação aplicado às comunidades locais, “[...] reconhecendo no patrimônio cultural um instrumento de educação e desenvolvimento social”. (SANTOS, 2005, p. 68).

Na organização do Instituto Inhotim, a Diretoria de Inclusão e Cidadania vem cuidando dessas áreas, onde são desenvolvidos projetos que visam à captação, preservação, valorização disponibilização e a divulgação de acervo que recupere a

história socioambiental e o patrimônio cultural herdado pelas comunidades de Brumadinho e, em objetivo mais amplo, da região do Médio Vale do Paraopeba. Tais ações estão relacionadas, ainda, ao objetivo de consolidar o Instituto Inhotim como um local de produção de conhecimento, visando atender aos interesses do público visitante, da população da região e da comunidade acadêmica.

Para se entender o impacto do Inhotim na cidade de Brumadinho, é preciso conhecer sua história e suas características. A história do município remonta ao século XVII e encontra-se dividido territorialmente em cinco distritos: Brumadinho, Aranha, Piedade do Paraopeba, São José do Paraopeba e Conceição do Itaguá. A população rural está distribuída em distritos e povoados, incluindo seis comunidades quilombolas, sendo quatro delas já reconhecidas pela Fundação Palmares<sup>2</sup>.

Com expressiva riqueza mineral, a região do Médio Paraopeba sempre foi muito explorada. O bandeirante Fernão Dias Paes Leme fez pouso na região em 1678 (RESENDE, 2007, p. 30). As bandeiras tinham como uma de suas principais estratégias mandar grupos à frente para que plantassem roças, geralmente de milho, com o intuito de suprir as necessidades daqueles que vinham na sequência. Essas roças deram origem aos primeiros arraiais de Minas Gerais.

No século XVIII, a região continuou servindo de caminho para os grandes núcleos de mineração, sempre mantendo sua vocação para o abastecimento, a partir do desenvolvimento dos roçados. Entre os documentos levantados na Cúria Metropolitana de Belo Horizonte, encontra-se o primeiro documento referente ao povoado de Piedade do Paraopeba, registrando compra de terras em 1729. O mesmo documento relata que Bento Rodrigues da Costa “reedificou novamente” a capela e doou a Nossa Senhora da Piedade<sup>3</sup>. Portanto, pode-se deduzir que se tratava de uma segunda construção e que a original é anterior ao ano de 1729, podendo ser do início do povoamento. A construção

---

<sup>2</sup> Fundação Cultural Palmares, órgão federal vinculado ao Ministério da Cultura criado para promover a preservação, a proteção e a disseminação da cultura negra. A Fundação reconhece quatro comunidades remanescentes de quilombos no município de Brumadinho: Comunidade de Sapé, cf. Livro 005, registro nº422, folha 30; Portaria nº 44, de 30 de novembro de 2005, publicado no Diário Oficial da União (DOU) de 06/12/2005. Comunidade de Marinhos e Rodrigues, registradas no Livro de Cadastro Geral n.º 012, Registro nº 1.364 fl. 179; Portaria nº 135, de 27 de outubro de 2010, publicado no Diário Oficial da União (DOU) de 04/11/2010. Comunidade de Ribeirão, registrada no Livro de Cadastro Geral n.º 012, Registro n. 1.363 fl. 178; Portaria nº135, de 27 de outubro de 2010, publicado no Diário Oficial da União (DOU) de 04/11/2010.

<sup>3</sup> Centro de documentação da Cúria Metropolitana de Belo Horizonte – Paróquia de Nossa Senhora da Piedade – Piedade do Paraopeba. Patrimônio Imobiliário. O Apêndice D apresenta um exemplo de catalogação que faz referência ao original e, assim, pode ser disponibilizado no Acervo do Centro de Memória de Brumadinho e região, cuja construção estamos relatando.

é datada de 1713<sup>4</sup> pois, em 1960, ocorreu extensa reforma na edificação e, na troca do assoalho, foram encontradas tábuas com este ano gravado em baixo relevo. Acredita-se que Piedade do Paraopeba tenha sido um centro de mineradores de pedras e metais preciosos, o que explicaria a suntuosidade de sua igreja, de seu altar ricamente trabalhado em madeira.

Marcada pelos roçados e pela mineração, na segunda metade do século XX, com a proximidade da capital e do polo industrial, Brumadinho tornou-se uma cidade-dormitório. Embora rica em recursos minerais, chegou ao século XXI, com baixo índice de desenvolvimento. Segundo classificação do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento – PNUD, o município está entre as regiões consideradas de médio desenvolvimento humano (IDH entre 0,5 e 0,8). Em relação aos outros municípios do estado, Brumadinho ocupa a 146ª posição. Um desafio para o Instituto Inhotim é fomentar continuamente ações que elevem o IDH de Brumadinho.

A preocupação da Diretoria vai ao encontro de uma tendência que atingiu o Brasil nos últimos anos, a de descentralização dos espaços museais com a consequente incorporação de novos públicos e espaços. Segundo Cícero Almeida, os museus estão aumentando, especialmente em pequenas e médias cidades, tanto em quantidade, como em “[...] qualidade, objetividade e sensibilidade na identificação de suas vocações, rompendo com a nossa geomuseologia concentradora” (ALMEIDA, 2006, p. 186). A quebra dessa geomuseologia é consequência de um movimento mundial pela legitimação do patrimônio cultural como fenômeno local. Seguindo essa tendência, a inauguração de um grande museu a céu aberto de arte contemporânea, numa cidade da região metropolitana de uma capital no interior do Brasil, não pode se abster de avaliar os impactos que esse museu provoca na comunidade. Um museu como o Inhotim transforma direta e indiretamente o cotidiano da cidade, que não contava com um equipamento cultural de porte. A Diretoria de Inclusão e Cidadania preocupa-se com o entorno do museu e tem como tarefa levar o museu para a comunidade e trazer a cidade para dentro do museu.

Cumprir destacar a importância assumida pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais – FAPEMIG no desenvolvimento das pesquisas e atividades que resultaram no processo ora em andamento de constituição e implantação do Centro

---

<sup>4</sup> CRUZ, Euler C.; ATAÍDE, Daniel S. **Cadernos de História do Distrito de Piedade do Paraopeba – Volume II.** Brumadinho: setembro 2007.

de Memória. Esse desenvolvimento atrelou-se a quatro projetos aprovados pela FAPEMIG, os três primeiros desenvolvidos em parceria com a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). O primeiro, intitulado “Centro de Memória e Patrimônio Histórico – Cultural do Instituto Cultural Inhotim”, aprovado no ano de 2008, teve como objetivo criar e implantar o Centro, prevendo a constituição de três unidades institucionais de acumulação, preservação e disseminação de informações históricas, técnicas e culturais: o Acervo de Memória e Patrimônio da Região de Brumadinho, o Arquivo do Instituto Inhotim e a Biblioteca de Referência. O segundo projeto, intitulado “Centro de Memória e Patrimônio Histórico – Cultural de Brumadinho: história local e tradições musicais” obteve aprovação da FAPEMIG em 2009 e consiste em um desdobramento do primeiro, visando constituir o acervo do Centro de Memória a partir do conhecimento sobre a história e as tradições culturais de Brumadinho, especialmente sua vocação musical. O interesse por esse tema é resultado de estudos anteriores do Instituto Inhotim que constataram ser a música a principal manifestação cultural da cidade, especialmente expressa na existência de quatro bandas musicais (Santo Antônio de Suzana, São Sebastião, Santa Efigênia e Nossa Senhora da Conceição) que surgiram a partir de 1920, ou seja, antes mesmo da constituição do município, ocorrida em 1938. O terceiro, ainda em andamento, “As Guardas de Congado de Brumadinho: desvendando as raízes afrodescendentes do município”, que aprofunda as investigações sobre as influências da herança africana nas manifestações culturais da região, enfocando especificamente as Guardas de Congado.

O quarto projeto, “Memória e História de Brumadinho e Médio Vale do Paraopeba: narrativas acerca da década de 1990”, avança na pretensão de resgatar uma memória sobre a história de Brumadinho, a partir do recolhimento de depoimentos sobre as últimas décadas, que alteraram em muito suas características. Tais projetos, elaborados na Diretoria de Inclusão e Cidadania, visam garantir a continuidade do processo de construção do Centro Inhotim de Memória – CIMP.

Compreender a proposta do CIMP implica obrigatoriamente em compreender o papel da Diretoria de Inclusão e Cidadania à qual se subordina.

### **A Diretoria de Inclusão e Cidadania**

No campo social, Inhotim transitou de ações assistencialistas, próprias do âmbito da filantropia a uma preocupação com a responsabilidade social. Assim, nos

primeiros momentos da história do Instituto, estava seu criador preocupado com a carência extrema de recursos materiais enfrentada pelas pessoas da comunidade concedia ajuda atendendo a todo tipo de demanda. Tratava-se de ações do âmbito da filantropia, ou seja, ainda que originadas no Instituto, desvinculavam-se do planejamento estratégico da empresa. O assistencialismo deita raízes em nossa história, resultado de uma sociedade alicerçada sobre grandes desigualdades sociais, conforme demonstram diversas análises (HOLANDA, 1975; FREYRE, 2001; PRADO JÚNIOR, 2000). Todavia, a precariedade dos desdobramentos dessa prática que mantém a situação de dependência frustrava o empresário interessado na emancipação dos sujeitos.

A criação da Diretoria de Inclusão e Cidadania, em 2007, idealizada por Roseni Sena, refletia mudanças na forma de relacionamento do Instituto com a comunidade, ao mesmo tempo em que apontava no sentido de transformar as ações pontuais, de tipo assistencialista, em algo sistematizado, implicando o planejamento das ações sociais. O compromisso com o desenvolvimento social da população de Brumadinho e seu entorno fazia com que Inhotim incorporasse a intenção de investir recursos financeiros, tecnológicos e de mão de obra em projetos comunitários de interesse público. Nesse processo, o Instituto desenvolveu um leque diversificado de ações que incluem a oferta de espaços e experiências que visam propiciar a ampliação da fronteira cultural dos membros da comunidade local; a recuperação da história, da memória e das tradições culturais locais, bem como o estímulo ao processo de geração de renda e melhoria das condições de vida. Tais ações são desenvolvidas por meio de estratégias que implicam o melhoramento de “[...] técnicas locais, a adaptação da tecnologia moderna ao meio ambiente e às condições locais e o fomento da pesquisa científica e tecnológica, para identificar e resolver os problemas importantes imediatos.” (DAGNINO et al., 2011, p. 6). As estratégias em questão podem ser reunidas no conceito de tecnologia social. Vale dizer, uma tecnologia apropriada a cada realidade e que implica “[...] a participação comunitária no processo decisório de escolha tecnológica, o baixo custo dos produtos ou serviços finais e do investimento necessário para produzi-los”. (DAGNINO et al., 2011, p. 9).

Atualmente, o trabalho desenvolvido pelo Instituto Inhotim no campo da inclusão social desenvolve-se nos municípios de Brumadinho, Rio Manso, Moeda e Bonfim. Em seu território de ação, para a execução dos projetos e programas, a

Diretoria de Inclusão e Cidadania articula-se com as áreas internas estabelecendo parcerias na Instituição: com o Poder Público; com as organizações sociais; com o empresariado e com os atores sociais formadores de opinião. Paralelamente, estimula o fortalecimento dos grupos e das organizações existentes no território, a criação de novos grupos e a constituição de redes sociais. Expresso em números, o trabalho de promoção da inclusão e da cidadania construído por Inhotim atinge 12 municípios, além de Brumadinho.

A eficácia dos programas desenvolvidos pressupõe a construção de um sólido conhecimento do território, compreendendo-se território nos moldes preconizados por Milton Santos (2005), como algo que remete a um sentido de pertencimento. Resumidamente, recuperaremos mais alguns aspectos do território de atuação do Instituto Inhotim e das ações programáticas desenvolvidas a partir do conhecimento desse território.

Brumadinho tem, como atividade econômica principal, a mineração. Está na rota da Estrada Real e faz parte do Circuito Turístico Veredas do Paraopeba, possuindo juntamente com os municípios de Moeda, Bonfim e Rio Manso, um importante patrimônio material e imaterial, com acervo do período colonial. O território tem um potencial turístico de grande valor, sobretudo pelo acervo histórico que sobrevive ao longo dos séculos. Ao mesmo tempo, destacam-se manifestações tradicionais das comunidades quilombolas como as festas e cultos religiosos. Grande parte da memória coletiva da população de Brumadinho e de sua noção de pertencimento à região foi construída em torno dessas tradições culturais. Cultivadas ao menos desde o século XIX, as tradições populares do município assumiram diversas formas que vão das manifestações musicais empreendidas pelas Bandas de Música e Corporações Musicais até as originárias da cultura afrodescendente mantidas pelas Guardas de Congado locais, ou ainda as festividades religiosas e profanas.

A identidade cultural local expressa-se também em uma importante produção de artesanato, incluindo-se o alimentício. Se a cozinha tradicional mineira já guarda lugar para inovações, a culinária da região de Brumadinho apresenta uma intensificação de combinações entre o dito tradicional e o contemporâneo, resultado da mistura entre os pratos típicos das festas tradicionais e aqueles servidos em restaurantes de alto padrão nos condomínios de luxo. A produção caseira de doces e a produção de cachaça artesanal – entre as quais se destacam a Segredo da Patriarca, a Brumado Velho, a

Saideira e a Boa Vitória (INSTITUTO, 2006) – são atividades significativas em Brumadinho.

O município também conta com uma produção expressiva no que concerne ao artesanato tradicional. Os grupos de artesãos locais são responsáveis por grande parte da produção artesanal de Brumadinho, sendo que os produtos de cada um apresentam características diferenciadas, de acordo com as particularidades de seus membros e das localidades em que se constituíram. Vem se fortalecendo também a arte da cerâmica, fato que levou à realização do Circuito da Cerâmica que consiste em oficinas oferecidas à comunidade e ao público interessado, com uma proposta contemporânea de ensino e aprendizagem nos ateliês de artistas locais.

É com base nesse conhecimento construído que, há quatro anos, são desenvolvidas ações sociais que buscam desenvolver as potencialidades dessas comunidades com o propósito de fortalecer o capital social de Brumadinho e dos municípios de seu entorno, por meio do apoio a lideranças e organizações comunitárias. Então, a Diretoria de Inclusão e Cidadania reorganizou sua atuação em três áreas programáticas: Música, Arte e Cultura no Vale do Paraopeba; Desenvolvimento Sustentável com foco no Turismo e Memória; e Patrimônio Histórico, Cultural e Ambiental de Brumadinho e Vale do Paraopeba. A seguir, apresentamos brevemente cada um desses campos de atuação.

Desde 2008, a Diretoria de Inclusão e Cidadania desenvolve o programa “Música, Arte e Cultura no Vale”, aproveitando o potencial do município historicamente ligado à música, visando à consolidação da região do Médio Vale do Paraopeba como polo musical. As ações do programa atingem hoje os municípios de Brumadinho, Bonfim, Moeda e Rio Manso, objetivando a inserção de crianças, jovens e adultos nas atividades de canto coral, instrumentalização em instrumentos de sopro e percussão, aprendizado em concerto e manutenção de instrumentos de sopro, participação em eventos culturais e cursos de História da Música. O programa também trabalha no sentido de ampliar o gosto pela música, o horizonte cultural dos envolvidos, a elevação da autoestima por meio da socialização e a formação de público.

O projeto conta com a parceria das Prefeituras Municipais de Brumadinho, Rio Manso, Moeda, Bonfim; do Ministério do Turismo; da Fundação de Arte Madrigal Renascentista de Belo Horizonte; do Conselho Central da Sociedade São Vicente de Paulo e das Corporações Musicais São Sebastião de Brumadinho, Santa Efigênia de

Brumadinho, Nossa Senhora da Conceição de Brumadinho, Santo Antônio de Suzana de Brumadinho; das Corporações Musicais Padre Trigueiro de Bonfim e Bom Jesus de Porto Alegre de Moeda. Por meio desse Programa, o Instituto Inhotim já atendeu, desde 2007, cerca de 1000 pessoas diretamente e 8000 indiretamente.

Outra vertente do trabalho desenvolvido pela Diretoria de Inclusão e Cidadania expressa-se na ação programática intitulada Desenvolvimento Sustentável com foco no Turismo. O objetivo é desenvolver o produto turístico com qualidade e estimular seu consumo no mercado, diversificando a oferta e estruturando, ampliando e qualificando o mercado de trabalho. Por meio da interação do Instituto Inhotim, do empresariado e do poder público tem sido possível trabalhar o turismo como um fenômeno em contínua mudança e que permite à sociedade se reorganizar de forma a assegurar aos envolvidos a possibilidade real de inclusão social. A formação da Rede de Empresários, que inclui empreendedores do setor de turismo da região do Médio e do Alto Vale do Paraopeba, iniciada em 2008, é um exemplo de desenvolvimento contínuo, buscando construir a possibilidade de fortalecer as relações entre os parceiros, potencializar o trabalho dos empresários, garantir sua autonomia e sustentabilidade.

Considerando a expressiva presença do artesanato na região, o trabalho da Diretoria de Inclusão e Cidadania dedicou-se a estimular a formação de grupos de artesãos. Atualmente, são dez grupos formados que constituem uma Rede de Artesãos. A Rede busca a qualificação dos produtos, a criação de mecanismos de produção, a venda e a organização. A Rede de Artesãos foi constituída no ano de 2008. É estruturada por meio de reuniões mensais em formato de intercâmbio para discutir questões acerca do fortalecimento dos grupos, aspectos legais para sua formalização enquanto associação, desenvolvimento e gestão.

Paralelamente ao trabalho com os empresários e artesãos, desenvolveu-se o projeto Inhotim para todos que também integra a área programática de Desenvolvimento Sustentável da Região com foco no Turismo. Esse projeto, cujo objetivo consiste em promover o acesso de crianças, jovens, adultos e idosos integrantes de programas sociais e grupos comunitários ao acervo e espaço do Instituto Inhotim, contempla um formato de visita autônoma que se baseia na crença de que o sujeito pode se desenvolver a partir da experiência de visita ao Inhotim. Em outra vertente, o trabalho com a terceira idade, também da área programática de Desenvolvimento Sustentável da Região com foco no Turismo, objetiva o aumento da qualidade de vida

da população idosa de Brumadinho, a partir do estímulo à formação de grupos e com o fortalecimento das organizações existentes. Para tanto, foi instituída, em abril de 2011, a Rede da Terceira Idade de Brumadinho.

Por fim, na busca da promoção da inclusão social e da cidadania, a Diretoria desenvolve uma ação programática voltada para a dimensão identitária dos sujeitos. Intitulada Memória e Patrimônio Histórico, Cultural e Ambiental de Brumadinho e Médio Vale do Paraopeba, essa ação tem por objetivo a recuperação, a conservação e a publicização do patrimônio histórico, cultural e ambiental herdado pela sociedade local. Seu desenvolvimento garante uma transversalidade que perpassa as demais ações programáticas. A seguir, consideraremos com mais vagar as peculiaridades dessa ação programática que se encontra no cerne da constituição do Centro de Memória, objeto da presente reflexão.

### **Centro Inhotim de Memória e Patrimônio – CIMP: especificidades constitutivas**

Dos vários pressupostos que orientam as ações programáticas desenvolvidas pela Diretoria de Inclusão e Cidadania importa destacar, nesta reflexão, a crença de que as experiências participativas e o conseqüente desenvolvimento da cidadania só podem ser sustentados pela presença de sujeitos autônomos e conscientes de sua identidade. Falar em identidade implica falar em memória. Nas palavras do historiador Jacques Le Goff (1990, p. 236), “[...] a memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual e coletiva, [...]”

Ao envolver os sujeitos em um processo de autorreconhecimento e de reconhecimento de sua herança histórico-cultural, a recuperação da memória concorre para que os indivíduos se percebam como sujeitos históricos. Sujeitos capazes de ação no mundo. Assim, ações de identificação, valorização, incorporação e revitalização do patrimônio material e imaterial de comunidades ou instituições, que implicam retomar a história, o território, as tradições dessa comunidade e investir nos significados daquilo que expressa sua capacidade de construir a própria trajetória histórica, podem contribuir para a construção da cidadania.

No caso de populações marcadas pela pobreza, o processo de recuperação de memória pode permitir a superação daquilo que Camus (2005, p. 11) chama “o mistério da pobreza”: aquilo que “torna os seres sem nome e sem passado, que os faz entrar para

a imensa mistura desordenada dos mortos sem nome que fizeram o mundo desfazendo-se para sempre. [...] só os ricos podem reencontrar o tempo perdido.” Em outras palavras, o processo pode funcionar como antídoto àquilo que Ecléa Bosí aponta como efeito mais perverso da pobreza extrema: “a espoliação da memória”. Isso porque narrativas “sob a forma de registros orais ou escritos são [...] suportes das identidades coletivas e do reconhecimento do homem como ser no mundo.” (BOSI, 1979, p. 43).

Nesse sentido, recuperar a memória das pessoas mais carentes, por vezes anônimas e escondidas nas comunidades rurais de Brumadinho é uma atitude fundamental para o Centro de Memória, que busca trabalhar com o conceito ampliado de patrimônio cultural, em que a noção de cultura ultrapassa a chamada cultura erudita e engloba também as manifestações populares. Castriota, ao tratar do assunto, refere-se à superação da visão estratificada de cultura como um “conjunto de coisas” tentando trabalhá-la como um processo, focalizando a questão – imaterial – da formação de significado. (CASTRIOTA, 2009, p. 85).

Com a ampliação do conceito, pensar a preservação do patrimônio cultural da região de Brumadinho em um Centro de Memória significa forçosamente contemplar todas suas variantes de suporte: edificações, espaços, documentos, imagens e palavras. Esses pressupostos conferem sentido à construção do Centro Inhotim de Memória e Patrimônio como parte das ações desenvolvidas pela Diretoria de Inclusão e Cidadania e, ao mesmo tempo, representam uma singularidade do Centro de Memória em processo de implantação no interior do Instituto Inhotim. Os trabalhos de construção de um espaço físico para o Centro iniciaram-se pela designação da Fazenda Antônio Du’Duca como sua sede e a conseqüente elaboração de um Dossiê de Tombamento (2010), já aprovado pelo Conselho Municipal de Cultura e Patrimônio de Brumadinho. Atualmente, espera-se a aprovação do Decreto de Tombamento da fazenda e a elaboração do projeto de restauração e do projeto museológico para a captação de recursos. O projeto arquitetônico do Centro de Memória foi elaborado pelo arquiteto, professor Flávio Carsalade, da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG.

Ainda sem contar com sede própria, o Centro de Memória compõe-se de três unidades: Biblioteca, Arquivo do Instituto Inhotim e Acervo de Patrimônio Histórico e Cultural de Brumadinho e Região. O Acervo está organizado em quatro coleções, a saber:

1. Coleção História da Região de Brumadinho
  - 1.1. Série As Bandeiras e o Surgimento dos Povoados
  - 1.2. Série O Período do Ouro
  - 1.3. Série O Brumado do Paraopeba, no século XIX
  - 1.4. Série O Município de Brumadinho, nos séculos XX e XXI
2. Coleção Tradições Musicais e Cultura Popular
  - 2.1. Série História das Bandas de Música e Corporações Musicais
  - 2.2. Série Festividades Religiosas e Profanas
    - 2.2.1 Subsérie Congado
    - 2.2.2 Subsérie Cavalgada
    - 2.2.3 Subsérie Folia de Reis
      - 2.2.3.1 Dossiê Fontes textuais
      - 2.2.3.2 Dossiê Fontes Iconográficas
      - 2.2.3.3 Dossiê Fontes Videográficas
      - 2.2.3.4 Dossiê Fontes Sonoras
        - 2.2.3.4.1 Item Mini-Disc1: Gravação das Festas
    - 2.3. Série Artesanato e Culinária
    - 2.4. Série Arte Popular
  3. Coleção História Ambiental
    - 3.1. Série História da exploração dos recursos minerais
    - 3.2. Série História do uso dos recursos hídricos
    - 3.3. Série História das Culturas de Alimentação e introdução de espécies vegetais
    - 3.4. Série Transformações da Fauna e Flora Locais
    - 3.5. Série História dos Parques Naturais.
  4. Coleção Memória da Inserção do Instituto Inhotim em Brumadinho
    - 4.1. Série As Coleções do Instituto Inhotim;
    - 4.2. Série O espaço físico Instituto Inhotim;
    - 4.3. Série Ações Ambientais
    - 4.4. Série Ações Artísticas e Curatoriais

Para constituir o acervo referente à história da região de Brumadinho, foram realizados levantamentos em fontes primárias e secundárias, captação, tratamento e catalogação de fontes. As pesquisas foram realizadas basicamente na Cúria Metropolitana de Belo Horizonte, no Arquivo Público de Minas Gerais (APM), no Arquivo Público da Cidade de Bonfim e nas fontes cartoriais de Brumadinho. Os documentos encontrados foram copiados e integrados ao acervo do Centro Memória para a construção do conhecimento sobre a história herdada pelos povos da região. Em termos gerais, recuperaram-se vestígios que remontam à presença indígena no Médio Vale do Paraopeba, passando pelas entradas dos bandeirantes e pelo surgimento dos povoados. Foram realizadas pesquisas em fontes primárias e secundárias do período do ouro, avançando-se pelo século XIX, e pelos fatores que levaram à formação do município de Brumadinho no século XX. Assim, alcançamos um mapeamento da história da região que se iniciou no período da colonização e ambicionou percorrer o século XX e o início do XXI. Constituiu-se, com essa periodização, o primeiro eixo formador do Acervo do Centro de Memória, voltado para a recuperação da História de Brumadinho e região.

Um conjunto diversificado de fontes foi selecionado e mobilizado ao longo da pesquisa. Além das fontes secundárias, devidamente citadas ao longo do relatório, mobilizaram-se variadas fontes primárias. A título de exemplo, destacamos o trabalho feito em fontes cartoriais que foram higienizadas, digitalizadas, catalogadas e parcialmente analisadas. Esse trabalho foi realizado em 11 Livros do Cartório do Primeiro Ofício de Notas de Brumadinho. No campo da história oral, foram realizadas entrevistas com moradores do município, com membros das bandas e guardas, com artesãs, com lideranças comunitárias etc., com o intuito de obter informações sobre a História de Brumadinho e registrar sua memória. O conhecimento acumulado ao longo do desenvolvimento dessas pesquisas será apresentado a seguir, obedecendo-se os eixos temáticos anteriormente apontados.

Paralelamente, formando um segundo eixo, a pesquisa direcionou-se também ao conhecimento da herança cultural presente no Médio Vale do Paraopeba, destacando-se a compreensão dos elementos que explicam a musicalidade que caracteriza a região e se expressa, por exemplo, na existência de diversas bandas. A presença das comunidades quilombolas e suas manifestações culturais levaram à realização de pesquisas sobre as guardas de Congo e Moçambique e sobre as danças e festividades que sobrevivem na

paisagem local. Artesanato, culinária e arte popular também compuseram o segundo eixo da pesquisa que se dedicou à compreensão da herança cultural presente na região.

O terceiro eixo temático que orientou as pesquisas dedicou-se à compreensão da história ambiental da região, com as transformações da fauna e da flora locais, por exemplo. Esse eixo acompanhou as marcas da exploração dos recursos minerais mas revelou também a importância das culturas de alimentação e dos parques naturais. A Coleção de História ambiental foi pensada, como constitutiva do acervo, considerando a importância do Patrimônio natural para a cultura do lugar. Afinal, “[...] é na natureza que se encontram todas as fontes materiais e imateriais da produção cultural. É a natureza que fornece matéria-prima e a inspiração para a arte, literatura, música e outras formas de expressão cultural.” (DELPHIM, 2009, p. 169).

Em termos geográficos e ambientais, Brumadinho está localizada no Quadrilátero Ferrífero de Minas Gerais, que compõe o extremo sul da Cadeia do Espinhaço. A região apresenta singular heterogeneidade na paisagem e é considerada uma das regiões de maior diversidade florística da América do Sul. No Quadrilátero Ferrífero, a vegetação está associada a grandes depósitos de minério de ferro, sendo os principais tipos denominados formações ferríferas bandadas. Esse tipo de formação é único quando considerados sua constituição e seu potencial minerário. A intensa exploração mineral, apesar de ser de grande importância socioeconômica, impacta principalmente a biodiversidade, a fertilidade do solo e os recursos hídricos da região. Como Delphim (2009), acreditamos que a preservação de paisagens culturais deve ser uma preocupação de órgãos culturais. A recuperação de áreas degradadas por mineração tem como objetivo reincorporar esses espaços impactados, especificamente onde o passivo esteja causando danos à população como um todo.

Por fim, cumpre destacar a importância do quarto eixo formador do Acervo, dedicado à presença do Instituto Inhotim na região. Esse eixo, embora seja o mais tradicional na constituição de um centro de memória, não se apresenta como o de mais fácil organização. A documentação artística possui especificidades e requer um trabalho interdisciplinar. É importante destacar o papel da biblioteca do Inhotim que vem se especializando, sempre buscando subsídios para essa especificidade do Instituto, atraindo um público interessado em arte contemporânea. A preocupação com a constituição de um acervo desse tipo foi externada por Maria Cristina Almeida:

Quanto ao público ligado à informação da arte, muito amplo e diversificado, é preciso elaborar estudos que ajudem a definir a importância da biblioteca e dos centros de documentação em sua atividade profissional, a identificar bibliotecas/centros de documentação utilizados, bem como suas fontes de informação; é necessário saber, enfim, como trabalham e usam os serviços de informação estruturados e as novas tecnologias, além de colher sugestões sobre a questão da documentação da arte e o papel que devem desempenhar as bibliotecas e os serviços de informação da arte hoje, em nosso meio. (ALMEIDA, 2007, p. 134).

Ou seja, o Centro de Memória, ao se ocupar do patrimônio cultural e natural de Brumadinho, não deve se esquecer que está ligado a um museu de arte que atrai um público diversificado, que tem informações diferenciadas sobre arte. O acervo institucional deve preocupar-se com as demandas por informação desse público diversificado. Segundo Almeida,

[...] ampliar o acesso do público à informação sobre arte é também uma forma de criar novos públicos, favorecendo a compreensão e a atividade artística, estimulando a criação e a pesquisa na área, bem como fornecendo elementos para sua apreciação. (ALMEIDA, 2007, p. 135).

O resultado das pesquisas permitiu iniciar a construção de cada uma dessas coleções, a partir de metodologia que envolveu estratégias de captação, armazenamento, descrição, conservação e divulgação de informações de fontes historiográficas de natureza distinta e suportes variados que vão do físico ao virtual. Iniciou-se a construção do Arquivo do Instituto Inhotim, unidade responsável pela acumulação, catalogação e preservação do conjunto de documentos produzidos organicamente pelos diversos setores do Instituto. Implementou-se, ainda, o acervo de referência, na biblioteca, composto a partir da ampliação do acervo bibliográfico já existente no Instituto Inhotim.

O Centro Inhotim de Memória e Patrimônio pretende constituir um acervo documental que dê suporte à preservação da memória coletiva da população de Brumadinho e região. Grande parte das pesquisas até aqui desenvolvidas, ao mobilizarem a história oral coletando narrativas de moradores da cidade, líderes comunitários, líderes religiosos ou políticos, lançou luzes e, ao mesmo tempo, ampliou as interrogações sobre o processo histórico vivido pela cidade; daí, a intenção de aprofundar os processos de pesquisa que vêm se desenvolvendo no interior do Instituto.

### **Centro de Memória/Instituição nova**

Outro aspecto que se destaca no processo de criação do Centro de Memória do Instituto Inhotim é o momento em que ele é pensado: no início de sua institucionalização.

É comum assistir a esse tipo de preocupação quando as instituições já têm algum tempo de vida e um acervo significativo. Mergulhados nos emaranhados da memória institucional espalhada em documentos de todos os tipos, que devem ou precisam ser preservados por necessidades administrativas e legais, os centros de memória surgem, muitas vezes, como solução cômoda e milagrosa. Premidos pela necessidade, nem sempre é possível planejar o que realmente se quer guardar e qual a natureza do acervo que a instituição quer constituir. Questões de como e onde guardar podem se sobrepor à questão sobre guardar o quê.

Nesse sentido, projetar um Centro de Memória como o que se estrutura em Inhotim, que se beneficia de experiências já em andamento, mas introduz novos elementos, requer outros cuidados.

O que fazer com o acervo, onde e como guardá-lo são preocupações típicas de quem se ocupa da guarda e da preservação de acervos.

Um museu surgido de um acervo de uma coleção particular que foi aberto ao grande público é um processo bem conhecido por todos que se dedicam a essa área. Mas uma coleção particular caminhar para a institucionalização de um museu, organizado em diretorias, da forma como se constituiu o Inhotim é um processo diferenciado. A criação da Diretoria de Inclusão e Cidadania é uma novidade fundamental para se entender a institucionalização desse museu, que tinha tudo para ser um reduto elitista e foi transformado em um espaço dinâmico de promoção cultural. A preocupação em integrar a comunidade ao museu estimulou a criação do Centro de Memória. Se o museu acabava de ser aberto e as obras eram contemporâneas, memória de quê? Do acervo artístico?

Nessas indagações, encontra-se boa carga de preconceitos sobre um Centro de Memória, tratado normalmente como o lugar onde se guarda: o que é antigo, o que a instituição não quer mas não pode descartar, um depósito do que não se usa mais, guardar para poder esquecer. Mas o Centro de Memória também pode e deve ser o lugar do querido, do precioso, do estruturante, do significativo e do imprescindível. Lugar

para guardar o novo também, guardar para sempre lembrar. Guardar para não perder e para a instituição não perder seu rumo.

Memória do Inhotim? Qual memória?

Em um museu a céu aberto, o lugar também é acervo. Buscar a história e as memórias da região de Brumadinho que abriga o acervo artístico foi a primeira fase da constituição do Centro de Memória. Onde estariam a história e a memória do lugar? No próprio lugar, com as pessoas que ali vivem. Assim, os arquivos de Brumadinho, Bonfim e Belo Horizonte foram buscados, fontes foram pesquisadas e as informações foram integradas à coleção “História da Região de Brumadinho”.

O Inhotim é um centro de cultura que espalha arte contemporânea, produzida no mundo todo, por seus jardins e galerias, mas e a cultura do lugar? O quê buscar sobre a cultura do lugar que abriga um museu do porte do Inhotim? Onde buscar? Como registrar, incorporar, preservar? Saber sobre a cultura do lugar não foi difícil, pois Brumadinho tem manifestações culturais de grande tradição. A população espalhada pela cidade e por comunidades rurais cultiva a tradição das corporações musicais, das guardas de congado e das festas que convivem com novas influências detectadas na ocupação mais recente dos condomínios de luxo. Cultura popular e tradicional mistura-se com o novo, frutificando novas propostas de culinária, festas e artesanato. A pesquisa resultante dessas indagações integra o acervo na “Coleção Tradições musicais e Cultura popular”.

O moderno museu do Inhotim é também um jardim botânico e o Centro de Memória não poderia negligenciar o aspecto ambiental. Um dos atrativos do Inhotim é sua “Coleção História Ambiental” que vem sendo pesquisada de forma interdisciplinar. Toda a discussão sobre o meio ambiente parte do lugar onde está o museu e tudo o que está ao redor influencia, seja o destino da mata nativa com o crescimento populacional, seja a ocupação das mineradoras, a criação e a manutenção de reservas e áreas de preservação, a introdução de culturas agrícolas, entre outros.

Por fim, foi preciso pensar o acervo institucional. Um museu, com as características do Inhotim, precisa preservar a documentação das obras de arte expostas e, principalmente, da arte que não se traduz num objeto, mas em uma concepção. Como documentar uma galeria de paredes nuas que apresenta o som do centro da terra? E um ambiente doméstico que só tem objetos vermelhos, é pintado de vermelho e com um passarinho de verdade, também vermelho? Esses e outros ambientes que se espalham na

área do museu geraram uma infinidade de documentos que devem ser preservados como: laudos, correspondências e acordos institucionais, dossiês, peças publicitárias, orçamentos, etc.

Quando o visitante chega ao museu, encanta-se com o jardim, as obras de arte, o show de música, a peça de teatro, um coral que canta, um evento privado, os restaurantes, a lojinha de produtos licenciados, etc. Tudo isso integra o museu e também gera documentação, que fica espalhada pelos vários setores responsáveis. A proposta do Centro de Memória pretende se ocupar da preservação dessa variada documentação que não cessa de ser produzida.

Apesar da diversidade, os problemas enfrentados pelo Centro de Memória do Inhotim são comuns à grande maioria dos espaços, como bem diagnosticou uma equipe de pesquisadores envolvidos no processo de digitalização do Arquivo Público Mineiro:

As instituições de memória, sejam elas arquivos, bibliotecas ou museus, guardam acervos históricos de natureza diversa. Entendidas as especificações dos processos técnicos de cada uma dessas instituições, todas enfrentam o desafio de conjugar a preservação dos seus diferentes suportes documentais (papel, acetato, celulóide, fitas e discos magnéticos e óticos, objetos, etc.) com o acesso aos seus conteúdos informacionais. Vivendo o impasse da degradação progressiva de seus acervos, muitas instituições têm restringido o acesso à informação, deixando de cumprir com sua função principal de comunicação e difusão cultural. (ANDRADE et al., 2008).

Embora o acervo documental do museu seja recente e não sofra com problemas de deterioração, existe uma preocupação com a difusão cultural de um acervo de suportes bastante diversificados. Além da diversificação do acervo existe a dificuldade inicial de uma sede física para abrigar o conjunto da documentação do Centro de Memória. A solução encontrada passa por investir na digitalização da maior parte do acervo, que é preservado em formato digital, sempre que possível. Mesmo avaliando os problemas da digitalização, que sofre com a migração constante de tecnologia, o processo tem ocorrido especialmente na documentação que é recolhida nos projetos de constituição do acervo sobre história e cultura que, na maioria das vezes, conseguiu apenas copiar os documentos originais guardados em acervos consolidados como o Arquivo Público Mineiro. Os depoimentos são gravados, transcritos e guardados no formato digital. Não é intenção do Centro de Memória acumular um volume expressivo de peças retiradas de seu ambiente e de seus detentores, mas preservar e tornar

acessíveis, a um número expressivo de pessoas, a história e a memória do museu, do lugar e da região tão rica em tradições e tão carente na guarda de sua memória.

A Biblioteca do Inhotim, parceira desde o início do projeto, enquanto não se viabiliza a construção do espaço físico do Centro de Memória, vem sendo o repositório de boa parte do acervo já produzido, como os DVDs, registros videográficos, livros e um acervo diversificado proveniente de doações como artigos de jornal, partituras, catálogos, etc.

Mesmo depois de inaugurada a sede própria, a biblioteca deverá abrigar parte do acervo, assim como boa parte do acervo deverá permanecer em seus setores de origem, como arquivos correntes, por um tempo determinado, como é usual em a qualquer instituição.

Com essa organização, o Centro de Memória busca cumprir os objetivos do projeto inicial que pretendia avançar além da guarda e da preservação da documentação interna e abarcar um conceito mais amplo de acervo que engloba as informações sobre a história e a cultura do lugar onde se edificou um museu de arte contemporânea que não abriu mão de se integrar a seu ambiente.

### **Inhotim's Memory and Heritage Centre – CIMP**

#### **Abstract**

This article aims to present and discuss the specificities of Inhotim's Memory and Heritage Centre - CIMP, currently under implementation at the Inhotim Institute. The first aspect to be highlighted concerns the understanding of the memory and cultural heritage of a community as central elements of its identity. Thus, its recovery and preservation will be perceived as important tools for the constitution of autonomous and active collective individuals. Moreover, in the midst of actions taken by the Inclusion and Citizenship Board, there is the development of projects that aim at capitulation, preservation, appreciation, recovery and availability of collections in order to recover the socio-environmental history and the cultural heritage inherited by the communities from Brumadinho and, in a broader objective, from the Médio Paraopeba Valley. Such actions are also related to the objective of consolidating the Inhotim Institute as a site of knowledge production, to meet the interests of visitors, the region's population, and the academic community.

**Keywords:** Memory; Identity; Brumadinho; Inhotim.

## Referências

ALMEIDA, Cicero Antonio F. de. Museologias possíveis: a novidade do Brasil não é só litoral. **Revista Musas**, Rio de Janeiro: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico, Departamento de Museus e Centros Culturais, n. 2, p. 178-187, 2006.

ALMEIDA, Maria Christina Barbosa de; PINA, Paulo Simões de Almeida. REDARTE-SP: integrando recursos de informação em arte da cidade de São Paulo. **Comunicação & Educação** (online), v.12, n. 1, p. 129-136, 2007. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/37627/40341>>. Acesso em: 13 maio 2011.

ANDRADE, Nelson Spangler de; VIEIRA, Fernanda M.; ARAUJO, Arnaldo de Albuquerque; VALLE JR. Eduardo Alves do; AMORIM, Eliane Dutra. Gestão Documental nas Organizações Arquivísticas: a Preservação da Memória. In: OLIVEIRA, Mario Mendonça (Org.). **A documentação como ferramenta de preservação da memória**. Brasília: IPHAN/Programa Monumenta, 2008.

ARENDT, Hannah. Vies politiques. Paris, Gallimard, 1974. Apud. TELLES, Vera da Silva. Espaço público e espaço privado na constituição do social: notas sobre o pensamento de Hannah Arendt. **Tempo Social: Revista Social**. São Paulo (USP), v 1. Disponível em: <<http://www.fflch.usp.br/sociologia/temposocial/pdf/vol02n1/espaco%20publico.pdf>>. Acesso em: 12 set. 2011.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: Lembranças de velhos**. 3 ed., São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BUARQUE DE HOLANDA, Sergio. **Raízes do Brasil**. Rio de Janeiro: José Olympio Editor, 1975.

CAMUS, Albert. **O Primeiro Homem**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005. Tradução Teresa Bulhões Carvalho da Fonseca/ Maria Luiza Newlands Silveira (Coleção 40 anos, quarenta livros).

CASTRIOTA, Leonardo Barci. **Patrimônio Cultural: conceitos, políticas, instrumentos**. São Paulo: Annablume 2009.

CRUZ, Euler C.; ATAÍDE, Daniel S. **Cadernos de História do Distrito de Piedade do Paraopeba – Volume II**. Brumadinho: set. 2007.

DAGNINO, Renato; BRANDÃO, Flávio Cruvinel; NOVAES, Henrique Tahan. **Sobre o marco analítico-conceitual da tecnologia social**. Disponível em: <<http://www.ige.unicamp.br/site/publicacoes/138/Sobre%20o%20marco%20anal%EDti%20co-conceitua>>. Acesso em: 18 mar. 2011.

DOSSIE de Tombamento Imóvel Fazenda Antônio Du Duca. Brumadinho/MG, 2010.

FREYRE, Gilberto. **Casa grande & senzala**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

DELPHIM, Carlos Fernando de Moura. O Patrimônio Natural do Brasil. In: FUNARI, Pedro Paulo A., PELEGRINI, Sandra C. A. , RAMBELLI, Gilson (Org.). **Patrimônio cultural e ambiental: questões legais e conceituais**. São Paulo: Annablume, Fapesp/Nepam, 2009

INSTITUTO de Desenvolvimento Municipal/ Câmara Municipal de Brumadinho: Diagnósticos e Diretrizes para a Estrutura Urbana e o Território Municipal - IDM, Brumadinho, 2006.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: Unicamp, 1990. Tradução Bernardo Leitão et al. (Col. Repertórios).

MARTINS, Guilherme d'Oliveira. **Patrimônio, herança e memória**: a cultura como criação. Lisboa: Gradiva, 2009

OLIVEIRA, Lucia Lippi. **Cultura é patrimônio**: um guia. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2009.

PIO, Leopoldo Guilherme. Musealização e cultura contemporânea. **Musas**: Revista Brasileira de Museus e Museologia, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p. 48-57, IPHAN, 2006.

PRADO JÚNIOR, C. **Formação do Brasil contemporâneo**: colônia. São Paulo: Brasiliense, 2000.

RESENDE, Maria Efigenia Lage. Itinerários e interditos na territorialização das Gerais. In: RESENDE, Maria Efigenia, VILLALTA, Luiz Carlos (Org.) **Historia de Minas Gerais** – as minas setecentistas. Belo Horizonte: Companhia do Tempo, 2007, p. 25-53.

SANT'ANNA, Marcus Vinícius. Outras centralidades, outros territórios: repensando a ideia de lugar. **Contemporâneos**: Revista de Artes e Humanidades, n. 4, maio/out. 2009. Disponível em: <<http://www.revistacontemporaneos.com.br>>. Acesso em: 29 ago. 2011.

SANTOS, Maria Celia Teixeira e Moura. Os museus e a busca de novos horizontes. **Revista do Museu Antropológico**. V. 8, n. 1, p.1-76, jan./dez. 2005.

SANTOS, Milton. O retorno do território. In: **OSAL**: Observatório Social de América Latina. Ano 6, n. 16, jun. 2005. Buenos Aires: CLACSO, 2005. Disponível em: <<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/osal/osal16/D16Santos.pdfRed>>. Acesso em: 29 ago. 2011.

Recebido em agosto de 2012.  
Aprovado em dezembro de 2012.